



Coordenadoria  
do Curso de Letras



Universidade Federal  
de São João del-Rei

**ROSIANE APARECIDA MARCELINO**

**AGENTES DE SUAS HISTÓRIAS O DIREITO À FALA, À  
LITERATURA E À ARTE**

**São João del-Rei  
Novembro de 2023**

**ROSIANE APARECIDA MARCELINO**

**AGENTES DE SUAS HISTÓRIAS O DIREITO À FALA, À  
LITERATURA E À ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Letras da Universidade Federal de São João  
del-Rei, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciado em Letras.

Ênfase em Estudos Literários.

Orientadora: Professora Dra. Eliana da  
Conceição Tolentino

**São João del-Rei  
Novembro de 2023**

## **DEDICATÓRIA**

*In memoriam* à minha mãe Rosana.

Esses dias achei na minha caligrafia tua letra  
E as lágrima molha a caneta  
Desafia, vai dar mó treta  
Quando disser que vi Deus  
Ele era uma mulher preta.  
*Emicida* (2015)

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento tão importante de conclusão de curso, gostaria de agradecer primeiramente a Deus e a toda minha família pai, irmãs e tias em especial à minha nova família: meu companheiro e a doce espera do nosso bebê.

Agradeço a todas as mulheres negras pessoas para as quais desistir nunca foi uma opção, contudo em meio a pandemia do Covid-19 considerei tal possibilidade. Porém, pensei nas pessoas que gostariam de estar aonde eu cheguei e por questão de honra eu resisti.

Agradeço a todos os profissionais da Universidade Federal de São João del-Rei, em especial a professora orientadora Eliana da Conceição Tolentino pelos caminhos indicados, pelo incentivo e pela paciência.

Por fim, agradeço também às amizades e laços criados durante a trajetória que foram inspiração e ficarão marcadas para sempre na memória e ainda pelo caminho que cada um seguiu em sua vida; os momentos ficarão marcados no coração.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o livro *Cartas a uma negra*: narrativa antilhana de Françoise Ega, publicado em 1968 e traduzido no Brasil em 2021. A escolha do livro se deu durante o curso de Letras Português na Universidade Federal de São João del-Rei e foi escolhido por se tratar de literatura escrita por mulher negra, ser produzido no formato de diários e cartas e também por estar direcionado à escritora brasileira Carolina Maria de Jesus a partir de sua obra *Quarto de despejo*. Buscamos ler o livro a partir das teorias sobre cartas de Marcos Antonio de Moraes (2000) e Comte-Sponville (1997). Assim como buscamos discutir alguns aspectos relacionados à literatura produzida por escritoras negras no Brasil com Cuti (2011, 2012) e Assis Duarte (2011), Duarte (2010). Neste sentido, consideramos necessário trazer para a discussão as obras *Um teto todo seu* de Virginia Woolf (2014) e “O direito à literatura” de Antonio Candido (2004) e, por fim, traremos alguns recortes do livro para apontar o ambiente em que Ega escrevia e o diálogo que empreende pelas cartas com Carolina Maria de Jesus.

**Palavras-chave.** *Cartas a uma negra*, Françoise Ega, Carolina Maria de Jesus; correspondência

## ABSTRACT

This study aims to investigate the book *Lettres a une noire*: antillean narrative by Françoise Ega, published in 1968 and translated in Brasil at 2021. The book was chosen during the Portuguese Literature course at the Federal University of São João del-Rei because it is literature written by black woman, it is produced in the format of diaries and letters and it is also directed at the Brazilian writer Carolina Maria de Jesus from her work *The Trash Room*. We sought to analyze the book based on the theories on letters by Marcos Antonio de Moraes (2000) and Comte-Sponville (1997). We also looked at aspects related to black literature in Brazil in Cuti (2011, 2012) and Assis Duarte (2011), Duarte (2010). In this sense, we consider it is necessary to bring into the discussion the works *A room of one's own* by Woolf (2014) and *O direito à literatura* by Candido (2004) and finally we will bring some excerpts from the book to point out the theories cited and the environment in which Ega wrote.

**Key words:** *Cartas a uma negra*, Françoise Ega, Carolina Maria de Jesus; letters.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>DAS MONTANHAS DE MINAS PARA O MUNDO: A EXTRAORDINÁRIA TRAJETÓRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS .....</b>	<b>13</b>
<b>DOS CAMPOS ELISIOS PARA O MUNDO: A IMPROVÁVEL TRAJETÓRIA DE FRANÇOISE EGA UMA LIDERANÇA ALÉM DO SEU TEMPO .....</b>	<b>15</b>
<b>O DIREITO À LITERATURA E UM TETO (NÃO) TODO SEU.....</b>	<b>18</b>
<b>UM BREVE PANORAMA DA LITERATURA NEGRA NO BRASIL .....</b>	<b>22</b>
<b>CARTAS E SUAS PERSPECTIVAS .....</b>	<b>25</b>
<b>REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO: <i>CARTAS A UMA NEGRA</i> .....</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

Neste presente trabalho, temos como principal *corpus* de pesquisa o livro de Françoise Ega (1920-1976), *Cartas a uma negra: narrativa antiliana, Lettres à une noire*, traduzido por Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty, com capa de Violaine Cadinot e publicado no Brasil pela Todavia em 2021 e na França em 1970. Françoise Ega, nasceu em Morne Rouge, chegou à França durante a Segunda Guerra Mundial, foi militante social, ativista em defesa dos imigrantes caribenhos em Marselha no bairro Saint-Barthelemy e por isso atuou também como faxineira. Suas lutas políticas eram em prol de melhores condições para os imigrantes antilhanos que partiam de seu país para a França em busca de trabalho e que passaram a viver na periferia de Marselha.

Há na França, o Comité Mam'Ega - Vivre ensemble, o Comité Mam'Ega (contração em créole de Madame Ega), uma associação criada, em 1988, pelos filhos de Françoise Ega para contar sobre a escritora e sobre suas lutas contra o analfabetismo e a exclusão. O Comité Mam'Ega tem várias ações sociais, entre elas o combate ao analfabetismo e às formas de exclusão.<sup>1</sup> A escritora martinicana migrou para a França a partir dos anos 50, e suas três obras foram publicadas postumamente: *Le temps de madras* (1966), *Lettres à une noire* (1978) e *L'Alizé ne soufflait plus* (2000). No site da editora informa-se o porquê de se publicar o livro no Brasil:

Concebido como um conjunto de cartas, datadas entre 1962 e 1964, CARTAS A UMA NEGRA expõe a situação das trabalhadoras antilhanas na França, mulheres negras e humildes. Tudo é relatado de forma pungente, tendo como “leitora ideal” Carolina de Jesus, que, ao longo de sua trajetória, teve experiências semelhantes.<sup>2</sup>

E foi justamente a configuração do livro que nos despertou chamou atenção. O despertar pela obra se deu durante a disciplina de “Literatura e correspondência” ministrada pela professora Eliana da Conceição Tolentino durante a graduação em Letras Português na Universidade Federal de São João del-Rei, no ano de 2022. Nessa disciplina pudemos compreender que a carta é um *corpus* bastante rico para discussões

---

<sup>1</sup> C.f.: Siqueira, Samantha. Uma viagem ao encontro da escritora Françoise Ega, 21 de dez. de 2021. Disponível em: <https://www.ecolepotpourri.com.br/post/uma-viagem-ao-encontro-da-escritora-fran%C3%A7oise-ega>. Acesso em: 13/03/2013.

Le Comité Mam'Ega. Disponível em: <https://vivreensemble.org/presentation-du-comite-mamega/>. Acesso em: 13/03/2013.

<sup>2</sup> C.f.: <https://todavialivros.com.br/livros/cartas-a-uma-negra>



em relação ao próprio gênero e também em relação aos estudos literários.

Portanto, o livro: *Cartas a uma negra*: narrativa antilhana une dois aspectos relevantes à nossa pesquisa. Esta obra apresenta-se como cartas e essas são endereçadas ficcionalmente à escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Autora de diversos livros, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, publicado em 1960, numa tiragem de dez mil exemplares, é um dos livros mais conhecidos de Carolina Maria de Jesus e é a esse livro que Françoise Ega, autora das cartas, se refere quando escreve ter conhecido Carolina Maria de Jesus. Afinal, após a publicação da obra no Brasil e a grande repercussão que teve, segundo Elzira Divina Perpétua (2014) *Quarto de despejo* foi um “fenômeno editorial”, o livro foi traduzido em treze línguas, e mais: a autora foi manchete em alguns artigos que foram publicados na mídia nacional e internacional como *Time*, *Life*, *Paris Match* e *Le Monde*, destacando a biografia e o livro da escritora.

Segundo Vinícius Carneiro e Maria-Clara Machado (2021) no posfácio “Tão longe e tão perto”, a manchete do *Paris Match*: “Ela escreveu um best-seller com papel recolhido no lixo”, além de excertos de *Quarto de despejo* traduzido em francês, traz comentários sobre o livro e sobre a autora, fotos suas no barraco em Canindé, em São Paulo e na praia em Copacabana, no Rio, sendo cumprimentada por banhistas brancas. A reportagem de sete páginas é sob a responsabilidade de Robert Collin e Jean Manzon. Para Carneiro e Machado, toda a estruturação da reportagem, os recortes, os títulos e as fotos intentam uma matéria documental, mas acabam por traçar um “perfil sob as cores do exotismo, quase caricatura” de Carolina Maria de Jesus. (2021, p. 245). O livro foi traduzido para 13 idiomas e entrou em 40 países. (Perpétua, 2014, p.21)

Trechos do livro de Françoise Ega apontam para o conhecimento que ela teve sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus em reportagem no *Paris Match*, de e 05 de maio de 1962.

Maio de 1962:

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou o luxo de comprar a revista *Paris Match*; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime Sra. Houphouët com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não teria compreendido. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim. Volto para casa esgotada. Acendo a luz,

as crianças estudam, do jeito como se faz hoje em dia. Elas não têm muitos deveres de casa, seria cansativo demais, mas me contam o enredo, detalhe por detalhe, da última história em quadrinhos que foi lida na escola. Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei o tempo de ler você, vivo correndo, como

todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados, tudo muda rápido demais ao meu redor. (...) Meu marido diz: “O importante é o pão de cada dia, o resto a gente dá um jeito.” Acho, Carolina, que você conhece essas palavras. Na favela, você nunca foi capaz de pensar em nada além do pão de cada dia. Penso que é isso que me aproxima de você, Carolina Maria de Jesus. Eu também me chamo Marie, como você, e Marcelle, como Pagnol. Moro muito perto do povoado dele, nunca o li, mas o escutei no rádio com paixão. Também me chamo Françoise e, por fim, Vittalline, como ninguém mais. Não canso de me perguntar onde meus pais encontraram um nome desses.

20 de maio de 1962

Se um dia eu lhe enviar estas linhas, você vai querer saber o resto da minha história. Hoje à noite, digo a mim mesma: “De que adianta?”. Estou cansada. Quando você juntou as tábuas para o barraco, você não conhecia a expressão “de que adianta?”, isso me dá uma vontade danada de escrever meus pensamentos, preto no branco, enquanto as crianças dormem. (...) Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo para o alto dizendo: “De que adianta escrever?”. Fecho uma janela em meus pensamentos, outra se abre, e a vejo curvada, na favela, escrevendo no papel que tinha catado no lixo. (...) “Estou escrevendo um livro.” Riram de mim. (...) De uma só vez, escrevi três capítulos do *Reino desvanecido*, título que surgiu porque alguém tinha confiado em mim, por meio de algumas palavras. (Ega, 2021, p.6-9, grifos nossos)

Assim, unimos o desejo de se estudar o gênero epistolar ao interesse em nos aprofundar nas discussões sobre a literatura escrita por negros no Brasil e em especial aquela escrita por mulheres negras. Dessa forma, partindo do livro de Ega, também nos voltamos para literatura brasileira escrita por uma mulher negra. Verificamos que mesmo vivendo em lugares tão distantes, as histórias de vida das duas escritoras têm semelhanças.

As cartas endereçadas a Carolina Maria de Jesus que jamais seriam lidas ou respondidas, mas criam todo o ambiente da escrita em que a autora faz uma análise sobre as situações do cotidiano e como consegue escrever em meio a acontecimentos adversos. Mesmo diante das dificuldades e mesmo diante da ridicularização que percebe no riso das pessoas quando diz-se escritora, ao pensar na trajetória de Carolina Maria de Jesus, Françoise Ega se sente inspirada e fortalecida para não desistir.

O livro é composto de 19 capítulos, numerados e sem título, com cartas de tamanhos variados, iniciando em maio de 1962 até 23 de junho de 1964. Na grande maioria das cartas o nome Carolina aparece como vocativo ou então usa-se o pronome de tratamento você. Para melhor estruturação do trabalho, decidimos então selecionar trechos de cartas do livro *Cartas a uma negra* e dentre vários aspectos problematizáveis, fizemos o recorte para nos ater ao ambiente e ao processo da escrita desse livro.

Buscamos assim refletir como se dá o processo de criação e escrita das autoras e em qual circunstâncias elas escrevem. Para pensarmos nessa perspectiva nos apoiaremos nas considerações de Virginia Woolf (2014) no livro *Um teto todo seu*, pois o livro aponta para a discussão em torno do processo de escrita de homens e mulheres. Qual é o percurso percorrido pelas mulheres para alcançar seu espaço na literatura é talvez a pergunta central do livro.

Também como embasamento teórico temos o texto “O direito à literatura” de Antonio Candido (2004), inicialmente foi uma palestra para a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e, posteriormente, publicado em *Vários escritos*. Para ler o texto escrito por mulheres negras tanto de Ega quanto Jesus, as reflexões de Candido serão importantes. Neste ensaio, o direito à arte, o direito à literatura tem estreita ligação com os direitos humanos, sendo portanto, necessária, um bem incompressível, pois além de lidar com a imaginação e sem ela o ser humano não pode prescindir, tem também o papel de denúncia, pois “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, mutilação espiritual.” [...] (Candido, 2004, p.188 )

Somado ao direito à literatura, trazemos *O que é lugar de fala*, de Djamila Ribeiro, um livro que nos ajuda a compreender o conceito que dá nome à obra. É um termo que, segundo afirma a Ribeiro, que vem das autoras da teoria social e racial crítica e também dos estudos sobre diversidade praticados por autoras negras, latinas e caribenhas. E trata-se da localização social e da estrutura de poder que as permeiam e não apenas a partir de vivências individuais, pois assim é passível de ser confundido com representatividade, criando dessa forma uma visão essencialista de que apenas negros podem falar de negros e, portanto, exclui pessoas não negras interessadas em contribuir com o tema.

Para iniciar o texto e ao final definir o conceito de lugar de fala, Ribeiro se ancora em outras obras como as de Grada Kilomba em *Pantations Memories: episodes of everyday racism* (2012) e Simone de Beauvoir em *O segundo sexo: fatos e mitos*. (1945) que nos fazem refletir sobre qual é o lugar de fala para mulheres distintas, e no contexto deste trabalho refletiremos sobre como isso se dá em relação a escritoras negras. Afinal, o negro, no Brasil, foi sempre falado pela perspectiva do branco e quando aparecia no texto literário ocupava sempre um papel secundário. Nessa nova perspectiva que traz a discussão sobre o lugar de fala, a representatividade é um dado importante, pois esse está relacionado ao lugar social que os indivíduos ocupam e está inscrito em suas falas.

O texto “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, de Eduardo Assis Duarte (2011) faz um levantamento sobre a literatura negra no Brasil e suas origens e também apresenta importantes autores. E ressalta que ainda existe muito a ser discutido em torno do tema, pois é preciso que as escolas não ignorem essa produção e coloquem o tema e os livros em discussão em seus currículos. O texto traz como discussão a especificidade do que é literatura afro-brasileira. Assis Duarte destaca que cinco elementos são importantes para se constituir uma literatura afro-brasileira: a temática, a autoria, o ponto de vista, que seria a perspectiva, uma visão de mundo que coaduna com a história e a cultura negras e a linguagem, com uma discursividade específica e o público leitor. E mostra que ainda hoje se discute quem pode ou não ser considerado um autor negro e se pessoas brancas que escrevem sobre os negros podem ou não ser consideradas pertencentes ao *corpus* dessa literatura.

Por outro lado, temos a contribuição de Luiz Silva Cuti, que dentre outros aspectos, apresenta o termo literatura negro-brasileira. Para Cuti (2011) o termo literatura afro-brasileira não se configura como um consenso entre críticos que se voltam para o estudo da literatura escrita por escritores e escritoras negras. Para Cuti o termo literatura negro-brasileira seria mais adequado pois marca a presença do negro nessa escrita com toda a sua expressão e complexidade que o termo abarca em termos de enfrentamento ao racismo.

Quanto ao gênero correspondência, esse foi por muito tempo um meio de comunicação presente em várias sociedades. Porém, com o advento da *internet* e seus aplicativos de mensagens, esse gênero entrou em desuso. Não obstante, para além da nostalgia, hoje observamos que a carta passou a ser vista no campo dos estudos literários como um *corpus* a ser explorado por se tratar não somente de um gênero textual. E também como um documento literário e um documento histórico, no qual podemos conhecer um pouco mais sobre a trajetória e a construção literária de diversos escritores e intelectuais e que vem sendo objeto de estudo da crítica literária.

Portanto, é importante levantarmos algumas questões sobre esse gênero e para isso nos embasamos nos escritos de Marcos Antônio de Moraes (2000) em seu texto: “Cartas um gênero híbrido e fascinante” E nas reflexões do capítulo intitulado “A correspondência” do livro: *Bom dia, angústia*, de André Conte-Sponville (1997) E por fim, teremos as considerações sobre a pesquisa.

## DAS MONTANHAS DE MINAS PARA O MUNDO: A EXTRAORDINÁRIA TRAJETÓRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Existem atualmente muitos trabalhos sobre a biografia de Carolina Maria de Jesus. Quando do lançamento de *Quarto de despejo*, por exemplo, houve reportagens em jornais e revistas que hoje são relidas devido ao perfil que traçavam da escritora com uma tendência que a via de forma exótica.

E, como atualmente há vários trabalhos acadêmicos sobre a obra de Carolina Maria de Jesus, quase em todos eles, faz-se necessário retomar a biografia da escritora. Enumeramos aqui alguns como: *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, de MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M (1994), pela UFRJ; *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*, de Joel Rufino dos Santos (2009), pela Garamond; Fundação Biblioteca Nacional; *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata*, de Germana Henriques Pereira de Sousa (2012), pela Vinhedo: Editora Horizonte; *Carolina: uma biografia*, de Tom Farias (2018), pela Malê; *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus* de Elzira Divina Perpétua (2014) pela Nandyala, como resultado de sua tese de doutorado pela UFMG; *Carolina Maria de Jesus: uma voz insubmissa na literatura brasileira*, de Regina Dalcastagnè (2023), Série Grandes Autores Brasileiros, edição bilíngue em português e em alemão, pela Fundação Alexandre de Gusmão e Instituto Guimarães Rosa.

Entretanto, para situar biograficamente Carolina Maria de Jesus e sua obra optamos aqui pelo *Dicionário bibliográfico de escritores mineiros* (2010), organizado por Constância Lima Duarte e por *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus* de Elzira Perpétua.

Segundo esse dicionário, Carolina Maria de Jesus é mineira, nascida em Sacramento Minas Gerais, no ano de 1914. Nessa cidade, viveu com seus pais e sete irmãos. Ela era descendente de avós que foram escravizados, sendo assim pertenceu a uma família de baixas condições econômicas. Sua mãe como muitas mulheres negras brasileiras trabalhava como empregada doméstica e seu pai era músico. Ela estudou no Colégio Allan Kardec até o antigo 2º ano primário, hoje 2º ano do Ensino Fundamental.

Ainda segundo Constância Lima Duarte, na década de 30, Carolina Maria de Jesus foi viver em São Paulo na favela do Canindé. Nesse período, assim como sua mãe,

trabalhava como doméstica e depois passou a sobreviver como catadora de papel. A escritora teve três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice.

Supostamente, a trajetória literária de Carolina Maria de Jesus começa quando ela encontra alguns cadernos no meio do lixo e passa a registrar neles o seu cotidiano de moradora de comunidade, mãe solo, pobre e mulher negra. E também, sempre se apontam em suas biografias os percalços que tais condições lhes traziam, considerando o contexto de racismo e machismo no Brasil.

Porém, parece que essas adversidades não interromperam a trajetória da autora que teve o seu primeiro livro publicado em 1960, contando a intervenção do jornalista Audálio Dantas que segundo (Duarte, 2010). O primeiro livro: *Quarto de Despejo* de 1960 foi um grande sucesso de venda e com traduções para vários idiomas, sendo também adaptado para o rádio, o teatro e o cinema. Constância Lima Duarte destaca também que na Alemanha, Carolina Maria de Jesus atuou como atriz no filme: *Despertar de um sonho*, uma adaptação do seu livro *Quarto de despejo*. E no Brasil tivemos também algumas produções como: a minissérie *Caso Verdade*, exibida pela Rede Globo, no ano de 1983 e uma peça teatral com textos de Amir Haddad e Edy Lima que foi encenada pela primeira vez em São Paulo, em 1961. O artista B. Lobo compôs um samba enredo em sua homenagem e ainda Herculano Neves escreveu o livro *Eu te Arrespondo Carolina*, publicado edição do autor, em 1961, em São Paulo. Ainda nesse período de grande destaque, Constância Lima (2010) salienta que: Jesus foi incluída na *Antologia de escritoras negras*, publicada em 1980, pela Random House, em Nova York. Contou também no *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, escrito por Américo Lopes de Oliveira e Mário Gonçalves Viana, publicado pela editora Lello & Irmão na cidade do Porto, em Portugal, em 1968.

Constância Lima Duarte ressalta que a obra de Carolina Maria de Jesus é estudada e se tornou referência nos estudos sobre mulheres negras e sobre a marginalização das pessoas negras que ainda vivem em condições degradantes no Brasil.

E por fim, destacamos que Carolina Maria de Jesus escreveu outras obras como: *Casa de Alvenaria* (1961); *Pedaços da fome e provérbios* (1963) e em 1986 publicaram na França sua obra póstuma: *Diário de Bitita*. Que foi fruto de uma entrevista cedida à imprensa francesa em 1977. Todavia, com toda repercussão de seu aparecimento na cena literária, Carolina Maria de Jesus não obteve o êxito financeiro. Apenas conseguiu comprar uma casa de alvenaria no bairro de classe média de São Paulo e depois mudou para um sítio em Parelheiros onde faleceu em 13 de fevereiro de 1977, aos seus 63 anos.

## **DOS CAMPOS ELISIOS PARA O MUNDO: A IMPROVÁVEL TRAJETÓRIA DE FRANÇOISE EGA UMA LIDERANÇA ALÉM DO SEU TEMPO**

Segundo Samanta Vitória Siqueira em pesquisa sobre a vida e obra de Françoise Ega publicada em 2020 na revista *Caligrama*, Françoise Ega nasceu na Martinica, ilha localizada entre o Atlântico Norte e o mar do Caribe, ao norte de Trinidad e Tobago no ano de 1920 e faleceu em Marselha, cidade portuária ao sul da França em 1976. Filha de um Guarda-Florestal e de uma Costureira, Françoise Ega, era descendente de ex - escravizados. A escritora foi também militante em prol dos direitos dos imigrantes negros na França. Moradora da periferia de Marselha Ega denunciava os abusos sofridos pelos imigrantes das Antilhas e criou uma associação de apoio a essas pessoas com base no fortalecimento da educação.

De condições financeiras modestas, Ega completou aquilo que denominamos no Brasil de ensino fundamental e um curso no qual obteve o certificado de datilografia, porém devido à Guerra imigrou para a França e em 1946 e casou-se com um enfermeiro militar e seu conterrâneo Frantz Ega com quem teve seus quatro filhos. Em 1955, Françoise Ega se instala em Marselha onde passou a buscar pelos direitos dos imigrantes, foi naquele momento em que passa a ser uma figura conhecida e as pessoas deram-lhe o apelido Man´ega- uma junção de madame e Ega. Desde então, a escritora, passou a buscar pelos direitos da comunidade em que vivia: como por exemplo exigir das autoridades melhorias para sua localidade.

Ega se identifica como militante de esquerda e funda a primeira associação de imigrantes antilho-guianeses de Marselha: a AMITAG (*L'Amicale des travailleurs antillais et guyanais*). Funda também a associação cultural e esportiva antilho-guianense ACSAG (*L'Association culturelle et sportive antillo-guyanaise*), com a intenção de favorecer a participação dos imigrantes nas atividades culturais da cidade. (Siqueira, 2020, p.60)

Ega foi uma mulher bastante ativa em sua comunidade, a escritora relata alguns desses fatos no livro: *Cartas a uma negra*. Relata como mulheres que trabalhavam como faxineiras não tinham tempo e condições para cuidar de sua saúde, pois chegavam à França com a viagem em débito com suas patroas e eram exploradas e desumanizadas.

Para além de seu engajamento político Ega também participava do clube de poesia e segundo Samanta Vitória Siqueira “Foi neste clube que começou a escrever seus primeiros textos, mas nunca com a pretensão de publicá-los.” (Siqueira, 2020, p.60). Ademais, a escritora era interessada em literatura negra americana além de ser bastante

consciente do papel que os negros ocupavam na sociedade e como o preconceito e o racismo deveriam ser combatidos. Foi por essas e outras que a autora se identificou com a escritora Carolina Maria de Jesus, por serem mulheres negras e sentirem na pele as opressões e saber a necessidade de falar e lutar contra os opressores e a favor dos seus.

Podemos então afirmar, a partir do posfácio da edição brasileira de *Cartas a uma negra*, de autoria de Vinícius Carneiro e Maria-Clara Machado (2021) que o “encontro” entre as escritoras se dá quando Françoise Ega lê, em 5 de maio de 1962, na revista *Paris Match*, a história de vida de Carolina Maria de Jesus e sobre a obra *Quarto de despejo* na reportagem intitulada “Ela escreveu um best-seller com papel recolhido no lixo”.

Diante desse fato é pertinente refletir como se dá o encontro entre as duas escritoras, possível apenas por meio da literatura, pois devido às circunstâncias e à distância esse encontro seria difícil de acontecer.

No Brasil, infelizmente, depois da explosão de *Quarto de despejo* Carolina Maria de Jesus foi esquecida e somente após um longo período é que os estudos sobre sua obra foram revistos e reiniciados.

Ademais, se levarmos em consideração que essas são trajetórias repito: de mulheres negras e donas de casa com pouca instrução formal em uma sociedade patriarcal, com vestígios colonialistas diante de um cenário completamente desafiador para essas mulheres que buscavam seus espaços na sociedade e na literatura, seja no Brasil ou na França as dificuldades eram semelhantes.

Outrossim, Ega presenciou a criação de um sistema que foi supostamente para ajudar aos imigrantes vindos das Antilhas a terem melhores empregos na França, mas que, na realidade, os segregava e buscava corromper suas identidades pois o intuito era substituir pessoas negras por asiáticas na região metropolitana do país. Esse sistema era conhecido como Bumidom (“Escritório para o desenvolvimento das migrações nos departamentos ultramarinos”) que existiu de 1962 a 1981. Foram 90.000 pessoas nessa situação. Nesse período, Ega continuava mais ativa em ajudar esses imigrantes a conhecerem seus direitos como ela mesmo relata em suas cartas a Carolina Maria de Jesus.

Como exemplo, temos na carta de 2 de junho de 1962, na qual a autora descreve que depois uma missa, presencia uma moça negra, a chorar, em uma noite fria, ela usava um vestido. A missivista a abordou, conversou em seu idioma (patoá) e descobriu que se tratava de uma imigrante que recebia da patroa 220 francos, mas que esta reembolsava 150 francos e ficava com 70 francos para sobreviver. Isso tudo, porque a patroa quem



pagou a sua viagem para a França. Adiante, a mulher lamenta que trabalha de seis da manhã até às dez da noite e sem pausa para se alimentar. A narradora das cartas, revoltada a/se questiona “como as coisas chegaram a esse ponto? Que tráfico de pessoas e esse! Foi feito um contrato de trabalho? Seu nome está no sistema de seguridade?” (Ega, 2021, p. 10).

O trecho acima mostra como Ega entendia o quanto aquilo tudo era inaceitável, buscou saber de outros relatos parecidos, até mesmo decidiu se colocar à prova e passou, mesmo sem a aprovação do marido, a trabalhar como faxineira para entender como aquele processo acontecia dentro das casas em que essas pessoas trabalhavam.

Parafrazeando Siqueira (2020, p.63), é nesse contexto que as autoras se identificam, pois, mesmos falando de lugares distintos, em Carolina Maria de Jesus são relatos do um cotidiano de uma favelada e Ega a refletir sobre o cotidiano como faxineira, ambas vivenciam semelhante lugar social no qual são marginalizadas e esquecidas pela sociedade em que vivem.

Concomitantemente às cartas que escrevia para Carolina Maria de Jesus, Ega também escrevia o seu livro: *Le temps des Madras*, publicado em 1966 - essa a única obra publicada pela autora em vida: “Nessa narrativa, contada na primeira pessoa em 18 capítulos, a autora se vale de lembranças de criança para construir a história de sua infância.” (Siqueira, 2020, p.64).

## O DIREITO À LITERATURA E UM TETO (NÃO) TODO SEU

Antonio Candido (1918-2017) em “O direito à literatura”, escrito em 1988, que se encontra publicado no livro *Vários escritos*, de 1995, explora inicialmente sobre o que são os direitos humanos e aponta a existência de grandes avanços na sociedade, tecnologia e meios de produção e, por outro lado, ressalta que ainda é preciso avançar em relação a tais direitos. E se trouxermos para a sociedade atual infelizmente continuamos a considerar esse paradoxo. Para Candido existia um descaso diante das injustiças sociais e ao mesmo tempo a sociedade avança em outras áreas.

É importante destacar que ainda hoje em nosso país percebemos descaso em relação as populações periféricas, pois existem governantes que fingem não perceber que as desigualdades ainda existem ou pelo menos esses não se incomodam verdadeiramente com a situação dos mais necessitados. Embora existam programas de assistência, não atende de modo satisfatório a essa população principalmente em relação ao acesso a arte e literatura.

Nesse sentido, a literatura é para Candido todo tipo de manifestação ficcional tanto do gênero narrativo, poético ou dramático. Para o autor devemos considerar que aquilo que é bom para nós também é bom para o outro e isso vale também para o que é ruim. As pessoas em geral não negam que todos precisam de direitos básicos como: moradia, alimentação e saúde. No entanto, existem outros direitos aos quais o autor destaca como por exemplo: ler Fiódor Mikhailovich Dostoiévski e ouvir Ludwig van Beethoven. E questiona se esses são vistos como pertencentes aos direitos basilares da constituição dos seres humanos.

Ainda nessa perspectiva, Candido refere-se ao pensamento do pensador francês Joaquim Lebreton que faz uma distinção entre o que define como “bens compressíveis” e “bens incompressíveis” como apontamos a seguir: o primeiro trata de coisas supérfluas as quais geralmente abrimos mão e o segundo são aqueles bens dos quais não podemos abrir mão como: moradia, saúde, alimentação. É importante destacar que tal definição do que é compressível ou incompressível varia de acordo com a percepção de cada período e sociedade, podendo se modificar ao longo do tempo.

Neste contexto, Antonio Candido defende que a literatura é um bem incompressível para o ser humano, a partir da concepção de que os homens possuem uma grande necessidade de fabular e a literatura tem em si a função de humanizar, uma vez que ela ajuda o ser humano a organizar seus pensamentos e transmitir sua visão de mundo.

Por outro lado, o leitor incorpora esses conhecimentos, criando a partir disso sua própria visão de mundo. Antonio Candido conclui que uma sociedade justa é aquela em que o homem não apenas pode fruir da literatura como também de todas as artes sejam elas populares ou eruditas além de ter os seus direitos humanos respeitados.

Para compor e embasar nossas considerações traremos alguns apontamentos do livro *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, afinal no livro de Françoise Ega existem passagens que mostram como o processo de escrita era conturbado devido ao fato de que elas Ega e Jesus não possuíam um espaço no qual pudessem se sentar para escrever e criar seus textos. Ega reflete:

As escritoras, acredito, têm escritórios com luzes apropriadas. O barulho não entra em seu santuário. Já eu, lhe escrevo à luz da enorme lâmpada da cozinha, enquanto as crianças estudam para as aulas de amanhã. Mas fico pensando em você, menos privilegiada ainda, com apenas uma lâmpada de querosene em uma favela, e digo pra mim mesma:

“Mas você é uma sortuda, sua bruxa velha! Por que você está murcha assim?, e já recomeço a trabalhar nas primeiras páginas do meu segundo livro, não devo esperar uma milionária para fazer o segundo, corre o risco de demorar; como os filhos do lavrador, covo, escavo, revolve, certamente encontrarei um tesouro, de tanta paciência e vontade.” (Ega, 2021, p.117)

Atestando assim o que Wolf afirma sobre as mulheres precisarem de um espaço próprio para compor seus textos. E que, por vezes, esse processo de escrita acontece nas brechas do cotidiano ou às escondidas e, acrescento, sem apoio dos homens. Como podemos perceber no trecho a seguir na carta de 17 de setembro de 1962 que Françoise Ega escreve:

Enquanto eu escrevia as últimas frases, Carolina, encostada na máquina de lavar (é preciso encontrar um cantinho tranquilo), meu marido desanimado, disse que o que eu escrevia seria um fiasco, que não era necessário falar de coisas que não me dizem respeito. [...] logo depois, comentou que eu folheio o meu dicionário com muita frequência; segundo ele, os romancistas não necessitam de dicionários. Maldosamente, acrescentou: “Sua papelada é um papelão, um mamoeiro macho! Flores ao vento! Nunca dará frutos! Você tem que falar sobre lanchonetes e piscinas! Garotas bronzeadas tomando banho nas praias, as pessoas adoram isso! Quem vai se interessar por histórias de negros!” Eu poderia ter desanimado. Mas, Carolina, vejo você escrevendo à luz de vela, sem a presença de ninguém para lhe dizer que tipo de mamoeiro você é, me debruço então sobre uma nova página e a encho de realidade. (Ega, 2021, p.33)

Aprofundando-nos um pouco mais sobre o pensamento de Virginia Woolf verificamos que em geral mulheres não conseguem ter espaço na literatura devido ao patriarcado. É o que podemos observar na carta acima, pois o marido da autora faz de tudo para que ela deixe de lado sua escrita e desvaloriza a sua própria cultura negra, pois

não a vê como interessante aos olhos dos outros. Nesse caso, o marido repete um discurso patriarcal, branco, europeu presente na sociedade que viviam. Esse discurso reforça que em se tratando da escrita de pessoas negras e ainda mais mulheres negras, essas seguramente eram completamente deslegitimadas. Tudo isso vai ao encontro ao pensamento que Woolf defende sobre o lugar que a mulher ocupa na sociedade e na literatura. Como por exemplo: “Por que os homens bebiam vinho e as mulheres, água? Por que um sexo era tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tinha a pobreza na ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte?” (Woolf, 2014, p.41-42)

Ao fim, percebemos que a resposta sobre a posição das mulheres na sociedade é algo que gerava e gera muitas questões mesmo que se tenha consideravelmente evoluído. Woolf cria uma situação fictícia sobre uma irmã imaginária de Shakespeare e questiona de que forma ela seria recebida como autora tendo o mesmo talento do irmão? Com certeza seria tratada como uma mulher louca e até mesmo uma bruxa. Podemos refletir o quanto as mulheres 94 anos após essa publicação veem buscando meios de se colocar na cena literária, sobretudo destaco a literatura de mulheres negras no Brasil como: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo e outras.

Woolf conclui ao fim de seu texto que as mulheres precisam de duas coisas para sobreviver: dinheiro e um teto todo seu. Essa metáfora de “um teto todo seu” entendemos como uma sugestão para que as mulheres se tornem emponderadas financeiramente e ainda que tenham suas mentes livres sendo assim donas de um pensamento todo delas. A narradora do livro de Woolf faz reflexões sobre como muitos homens escreviam sobre mulheres e poucas mulheres o faziam.

A autora recebeu uma espécie de herança e desse modo conseguiu se dedicar aos seus escritos e também pode discordar dos homens, pois na realidade a vida das mulheres ainda era oprimida. Por outro lado, a partir de 1928 algo já estava melhorando em relação a situação das mulheres na sociedade porque já podiam trabalhar exercendo algumas profissões, já podiam estudar em universidades, já podiam até mesmo votar, porém, a autora observava que ainda havia um caminho muito longo a ser percorrido. E segundo ela as mulheres já estavam começando a escrever, mas sem muita qualidade, portanto, era preciso que as novas escritoras continuassem trabalhando e desbravando os caminhos e que talvez, dentro de 100 anos teríamos grandes poetisas mulheres e hoje 94 anos depois

desta previsão podemos encontrar referências de talentosas poetisas, ficcionistas e muitos outros.

Por exemplo, devemos considerar que a trajetória de vida dessas duas autoras: Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega se cruzaram na literatura, pois ambas falam de um mesmo lugar: o lugar da mulher escritora, o lugar de subalternidade e de luta e também de um lugar da sensibilidade e da criatividade artística.

Segundo Elzira Perpétua (2014) a motivação de escrita de Carolina Maria de Jesus era “um estado de “fusão mental”, uma manifestação involuntária que a inquietava mentalmente e só arrefecia com a escrita: “Quando escrevia tinha a impressão que o meu cérebro normalizava-se” (Jesus, 1994, p.186).” (p.230)

Refletindo sobre as considerações de Candido (2004) e Woolf (2014) e trazendo para o contexto deste trabalho consideramos que as autoras em questão superaram barreiras e que ainda hoje pessoas como elas não são respeitadas como deveriam, porque às pessoas negras no Brasil desde o período da escravidão, até após a sua abolição foram-lhes negado o direito ao acesso à informação, à educação e por consequência à literatura de forma geral.

Assim consideramos que no Brasil a essa população negra ainda está sendo negado ou mal oferecido ambos os bens definidos por Candido. Em relação às mulheres podemos destacar os vários tipos de violência praticada contra elas e ainda mais em relação às mulheres negras. Destacamos, no contexto desse trabalho, que se levou muitos anos para que essa população de homens e mulheres negros tivesse acesso à literatura, e ainda mais tempo para conseguir escrever uma literatura de expressão própria uma vez que a maioria dos homens negros fazem trabalho braçal e as mulheres negras ocupam subempregos com baixa remuneração.

## UM BREVE PANORAMA DA LITERATURA NEGRA NO BRASIL

Para discutir alguns aspectos sobre a literatura negra no Brasil, Eduardo de Assis Duarte (2011) em “Por um conceito de literatura afro-brasileira” aponta que muitos questionam se o conceito realmente existe. Ao que o autor responde positivamente que “ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espalha pelas literaturas regionais.” (Duarte, 2011, p.375) E completa “não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.” Entretanto o professor faz uma crítica, pois apesar de ter exponencialmente aumentado literatura escrita por escritores negros não vem sendo discutida nas instituições de pesquisa, mas que, por outro lado, é objeto de estudo de pesquisadores estrangeiros como Bastide, Sayer, Rabassa e Brookshaw, entre outros.

Podemos destacar também as produções literárias de autores negros reunidos em publicações como a série criada por coletivos como o Quilombhoje de São Paulo. E um importante meio de divulgação são *Cadernos negros* que resistem há quarenta anos de edições. Ao longo de seu artigo, Duarte faz um levantamento sobre as autoras e autores negros e discute o que realmente pode ser considerado “literatura afro-brasileira” para isso traz a seguinte premissa: existe uma gama de pessoas negras que escrevem como também existem pessoas não-negras escrevendo sobre os negros e ainda negros que escrevem, mas que não se identificam como pertencentes ao gênero (afro-brasileiro).

Há outras posições quanto à denominação dirigida à literatura escrita por autores negros: “literatura-negra” ou literatura “afro-brasileira”. O escritor, poeta, dramaturgo e pesquisador Luiz Silva Cuti prefere o termo literatura “negro-brasileira”. Por outro lado, em depoimento a Eduardo Assis Duarte, Cuti (2011) diz que: “Não considero tão importante as definições de literatura. Todas elas serão sempre cambiantes. Arte não cabe em definições. Extrapola, deslimita” (p. 43) e ainda destaca onde se localizam as pessoas brancas ao escreverem sobre os negros: “O branco, por mais que tematize o negro, ainda não teve distensão psicológica para chegar a essa empatia na criação. A subjetividade intrasferível ainda continua sem o exercício mimético por parte dos autores brancos” (Cuti, 2011, p.46).

Isso é também o que defende Conceição Evaristo ao discutir sobre o conceito de “Escrivência” em várias de suas falas e textos. Trazemos aqui o depoimento que abre

o livro *Escrevivência*: a escrita de nós reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo (2020), organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes.

E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. *Escrevivência*, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (Evaristo, 2020, p. 11)

Para a escritora somente o negro consegue falar da sua vivência como negro, é como alguém que olha de dentro para fora e não de fora para dentro. Prosseguindo a entrevista Cuti destaca que a “Literatura Negra” é um processo em construção e que certos levantamentos como: quem a pode escrever ou a nomenclatura a ela atribuída não diminuem a sua existência e sim são importantes para a sua consolidação. Não se trata de fazer oposição às criações de escritores brancos e sim criar a própria narrativa longe da influência da cultura branca que é imposta, como podemos observar neste trecho da entrevista

Creio que a estética negra é uma questão de sobrevivência. Trata-se de nos reinventarmos para não sermos aquilo que o branco criou para que fôssemos. E aí, estamos também recriando o branco, minando seus pés de barro, sua prepotência de simbolizar toda a humanidade. Quando você cria, não necessariamente você se opõe. (Cuti, 2011. p.56-57)

Neste sentido, é importante trazer ao diálogo o livro *O que é lugar de fala* de Djamila (2017) que faz parte da coleção “Feminismos Plurais” idealizada pela autora. O termo: “Lugar de fala” por Djamila Ribeiro dialoga com outras pensadoras como Simone de Beauvoir em seu pensamento existencialista que nos leva a refletir sobre a condição da mulher como o “outro” e nesse contexto também nos leva à reflexão de como a mulher negra é colocada como o outro do outro em uma pirâmide de extrema desigualdade.

Na pirâmide social, encontramos como modelo o homem branco e em especial o europeu, seguido pela mulher branca. Já o homem negro mesmo sendo também homem é visto como um outro diferente e fica posicionado atrás de mulheres brancas e, por fim, encontram-se as mulheres negras que são assim o “outro do outro” como cita Ribeiro (2017), referindo-se a Grada Kilomba (2012). De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem.” (Ribeiro, 2017, p. 22).

Quando discorremos sobre lugar de fala, devemos refletir sobre a quem estamos dando ouvidos: quais os pontos de vista estamos legitimando e quais as narrativas que colocamos em pedestais. Deste modo, inferimos que a mulher negra ocupa o último lugar e assim encontra maiores dificuldades para ser respeitada na sociedade.

Nesse sentido, no quarto capítulo do livro, Djamila Ribeiro nos apresenta o conceito de “Lugar de fala” que, entre tantas nuances pode tratar-se do fato de que o lugar social que o indivíduo ocupa interfere no seu discurso, uma vez que, não se trata das vivências individuais e sim das do grupo ao qual pertence. As mulheres negras, por exemplo, sofrem com a objetificação de seus corpos e trabalhos subalternizados e podem falar com propriedade sobre esses assuntos, entre outros. Ribeiro também afirma que “Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades.” (2017, p.35) No caso de mulheres negras no Brasil, seja quando Carolina Maria de Jesus escreveu sua obra, ou ainda hoje, boa parte dessas mulheres vivem esquecidas e seus discursos são ignorados ou calados.



## CARTAS E SUAS PERSPECTIVAS

Em relação às teorias sobre o gênero cartas, auxiliam-nos a explorar o livro *Cartas a uma negra*, pois recorreremos a alguns apontamentos como os que consideraremos a seguir para destacar sua importância no contexto social e literário. O texto “Cartas um gênero híbrido e fascinante”, escrito por Marcos Antonio de Moraes em uma publicação no *Jornal da tarde* em 2000, o autor afirma que “existe na epistolografia uma espécie de fronteira entre o “coloquial e o literário” que abre margens para outras interpretações dentre elas: históricas, políticas e até pessoais de obras e autores.

Moraes é pesquisador das interações através de cartas de grandes autores como Mário de Andrade, pois organizou o livro *Correspondência: Mário de Andrade e Manuel Bandeira* que apresenta as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira. O pesquisador lembra que as cartas já serviram de manuais comportamentais, eram direcionadas às classes sociais menos abastadas, ele cita o *Manual dos Namorados*, texto escrito pelo pseudônimo Don Juan de Botafogo, que mais tarde se descobriu tratar do escritor: Figueiredo Pimentel. Nesse manual, um tipo de compilação de outro manual de boas maneiras conhecido como *Secretários de Cartas* que continha regras de como se comportar na escrita de cartas de amor para conquistar as moças da “alta sociedade” e, para além disso, tratava-se de disseminar comportamentos tidos como aceitáveis a serem seguidos na sociedade, era um manual para doutrinar a classes ditas inferiores. Moraes ressalta que:

Primor da retórica do sofrimento e da paixão, esses textos epistolares, hiperbólicos e quase sempre curtos. Ensaiam galanteios, pedidos de noivado ou casamento, reconciliações, arrufos e ciúmes. Forjam o fingimento e as ironias advindas da separação, preveem, enfim, modelos de escrita para qualquer situação amorosa que exija a carta como um meio de comunicação (Moraes, 2000, p.1)

Podemos perceber e com base nas discussões da disciplina “Literatura e Correspondência” que a carta é um gênero híbrido, pois apresenta vários tópicos a serem estudados e há nela aspectos que remetem para a relação com outros gêneros. Entre tantas questões que o gênero cartas suscita, devemos levar em consideração que não é possível precisar o teor de sinceridade do eu que ali se encena, se autobiográfica. Com base no trecho citado acima podemos inferir que nas cartas há uma encenação daquilo que se deseja alcançar do interlocutor ou como o remetente deseja ser visto pelo outro a quem a carta é

endereçada. No caso de Ega, ela deseja criar com sua interlocutora Carolina Maria de Jesus ou com os leitores uma relação de intimidade, solidariedade e pertencimento.

Nesse sentido, é imperativo ressaltar que a carta possui estrutura flexível e nela podemos tratar qualquer assunto. É necessário que haja uma tríade: remetente que pode ser anônimo ou não, destinatário e situação comunicativa.

E outro aspecto relevante sobre o gênero é que existe uma forte presença do tempo, seja na escrita uma vez que o tempo que se escreve não é o mesmo da leitura, pois essa não será lida imediatamente, existe o que o Moraes chama de “tempo de arrependimento” que é o tempo que leva até as cartas chegarem aos seus destinatários. E durante esse tempo de trânsito da carta, o remetente talvez já não pensa do mesmo modo, por isso destacamos que o tempo da escrita é diferente do tempo da leitura.

Segundo Moraes também podemos refletir que mesmo com o advento das novas tecnologias de comunicação, a carta está de alguma forma impermeada nelas pois novas tecnologias se inspiraram nas cartas. E como a carta é também antítese, uma vez que pode ser “fixa e variável, individual e social, privada e pública a expressão fortuita e a literária”. (Moraes, 2000, p.1).

Moraes aponta que a teoria de cartas no Brasil ainda precisa avançar e dá algumas sugestões sobre o que pode ser analisado, para o autor a pesquisa atual do gênero epistolográfico no Brasil precisa estudar a história dos Correios no Brasil, também os aspectos jurídicos e éticos da correspondência e ainda aprofundar a análise de temas como: a carta de amor e o que ele denomina “experiências limites”, que são as cartas produzidas em prisões, exílio e a expressão daqueles que são considerados doentes mentais.

Ademais, outros aspectos como a encenação da personalidade, perceber os aspectos literários deste gênero e o seu papel de fonte de subsídios para a história do pensamento construindo assim uma diversidade de leituras para o gênero epistolar. E por fim, considerar que por se tratar de um gênero híbrido precisa ser levado em conta a sua interdisciplinaridade e trocando com os estudos da Psicologia sobretudo aspectos da psicanálise, da história e da crítica literária.

Pensando em trazer outros olhares sobre cartas encontramos as palavras do filósofo André Comte-Sponville em seu livro *Bom dia, Angústia!*, publicado pela primeira vez em agosto de 1997, traduzido por Maria Ermantina Galvão G. Pereira e publicado pela editora pela Martins Fontes . A partir do capítulo 3, na página 35 em

intitulado “A correspondência”, encontramos uma reflexão sobre o ato da escrita que começa com o seguinte questionamento: Por que se escreve uma carta? o qual o autor responde a seguir: “porque não se pode falar, nem calar.” (1997, p.35). E segundo Comte-Sponville a carta se constitui exatamente nesse processo que ele define como “dupla impossibilidade” da qual a carta se supera e ao mesmo tempo se nutre. Na sequência Comte-Sponville afirma que a carta está “Entre fala e silêncio. Entre comunicação e a solidão. É como que uma literatura íntima, privada-secreta - talvez o segredo da literatura.”. (Comte-Sponville,1997, p.35).

Ademais, o autor considera que a carta por muito tempo foi o único meio de comunicação entre as pessoas e seja como meio de amenizar a saudade e ir aonde as pessoas não poderiam estar por diversas questões. E para Comte-Sponville: “talvez, esse seja o mais belo presente que a escrita deu aos “viventes”, porém o autor reforça que não foi o primeiro, pois a escrita, antes de ser comunicação, serviu como meio de arquivar a história das pessoas e dos fatos.

O autor faz uma analogia com as pirâmides do Egito como sendo um envelope, as múmias sendo as cartas e os hieróglifos, o texto. Como esses monumentos, as cartas existem para ficar registradas no tempo, elas são uma mensagem para si mesmo, são um registro da fragilidade da humana e do pouco tempo que os “viventes” têm nesse mundo que é passageiro e, que por isso, nos correspondemos com nossos contemporâneos para compartilhar dessa angústia de saber que somos findáveis, mas para dividir também nossas esperanças e alegrias. O autor complementa o seu pensamento, afinal, em síntese, escrevemos por amor e amizade como vemos nas trocas de cartas entre Turguiéniev e Tolstói antes de falecer.

Se deixamos de lado as trocas profissionais e administrativas, quase sempre, é de amor que se escreve, e por amor, seja esse amor de paixão ou amizade, de família ou de férias, profundo ou superficial, leviano ou sério. Escrevo-te para dizer-te que te amo, ou que penso em ti, que me alegro, sim, de ser teu contemporâneo, de habitar no mesmo mundo, o mesmo tempo, de só estar separado de ti pelo espaço, não pelo coração, não pelo pensamento e não pela morte. Partir é morrer um pouco. Escrever é viver mais. (Sponville, 1997, p.37)

Posto isso, com esse registro da amizade desses escritores, na sequência, o autor aponta como os outros meios de comunicação - o telefone, por exemplo, é útil para conectar pessoas. Todavia, somente a carta traz a intimidade que a escrita carrega em si que é contraposta à fala ao telefone e que, segundo o Sponville, é um objeto: “inoportuno, indiscreto, tagarela”. Por isso, o autor defende que existem coisas que somente

conseguimos expressar escrevendo, “O que não se pode falar, há que escrevê-lo.” (Comte-Sponville, 1997, p.37-38)

Por outro lado, em nossa leitura, contrapondo-se à ideia de “encenação” que pode estar presente nas cartas que foi apresentada no texto de Moraes (2000), Comte-Sponville afirma que “a escrita é mais próxima do silêncio, mais próxima da solidão, mais próxima da verdade. Ao menos pode sê-lo, e é isso que a justifica. Que adianta escrever, se é para fingir?” (Comte-Sponville, 1997, p.38). Trata-se de pontos de vista complementares e distintos e que consideram, sob suas perspectivas, o gênero e, independente de como ambos analisam a carta, em seus textos Moraes e Comte-Sponville apontam para o fato de que as cartas são objetos importantes a serem considerados e excelentes fontes para diversas pesquisas. E paralelamente incentivam o processo de escrita o qual todo ser humano minimamente instruído pratica ou deveria praticar para expressar seus pensamentos e registrar-se na existência humana e na sociedade que vive.

## **REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO: CARTAS A UMA NEGRA**

Conforme os apontamentos levantados anteriormente sobre a teoria de cartas que indica escrevemos para existir e também aponta para como desejamos ser lidos e que em algum momento oportuno, em um futuro próximo ou distante, alguém saiba que passamos por essa terra e por isso deixamos nossa marca. Entendemos que os leitores morrem, mas a escrita fica, é uma metáfora da garrafa lançada ao mar na qual existe a esperança de ser lida em algum lugar. Inferimos, que escrever trata-se de um processo elaborado, profundo e julgamos interessante refletir e explorar esse processo no livro de Françoise Ega *Cartas a uma negra*.

Depois de ler essa publicação, Françoise Ega passou a escrever sobre o seu cotidiano e contá-lo à sua musa inspiradora e destinatária idealizada: Carolina Maria de Jesus a qual ela se identificou em razão de as suas vivências. Mesmo estando ciente de que Carolina Maria de Jesus nunca a leria, pois embora fossem contemporâneas, viviam em lugares distantes, começa a criar um diálogo imaginário com a escritora a qual chama de “amiga e irmã” e passa expressar suas angústias e alegrias diante de situações.

Carolina você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados, tudo muda rápido demais ao meu redor. Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e com

meus cadernos. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente a sua caneta. Como você conseguia segurar um lápis com a criançada à sua volta?” (Ega, 2021, p.7)

Como podemos perceber no fragmento citado, o livro trata de vários aspectos inerentes às duas escritoras: Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega; mulheres negras, pobres, serem mães, terem filhos, o comportamento dos seus companheiros, o engajamento político e o processo de escrita. O livro em si possui várias outras especificidades a serem analisadas, porém decidimos fazer o recorte de pesquisa sobre como se dá o processo de escrita de Ega e em que condições ela escrevia, se contava ou não com uma rede de apoio. No decorrer do livro percebemos que a autora não contava com apoio nem da sociedade e nem da família o que por vezes fazia com que ela pensasse em desistir e então se recordava de Carolina Maria de Jesus que não desistiu mesmo em condições talvez ainda piores. Como podemos observar no trecho a seguir:

Faz um mês que parei de escrever, de falar com você, Carolina, porque o meu primogênito riu, ele me disse, com sua lógica infantil, que era ridículo escrever para uma pessoa que jamais vai me ler. Sei disso, repetia para mim mesma, bem baixinho, mas naquele momento ele me disse em alto e bom som, tanto que seus irmãos repetiram em coro: “Pois é! Porque você fala coisas para Carolina? ela não fala francês”. Nós não falamos o mesmo idioma é verdade, mas o do nosso coração é o mesmo, e faz bem se encontrar em algum lugar, naquele lugar onde nossas almas se cruzam. (Ega, 2021, p.21)

No trecho anterior percebemos como é em alguns momentos difíceis para autora acreditar em si mesma, principalmente sem o apoio de quem ela ama. Todavia, ela acredita que em “algum lugar” (literatura) faz sentido escrever para ser lida por pessoas que talvez nunca vão lhe conhecer, mas que podem ser tocadas de alguma forma por sua literatura e isso é escrever-se e inscrever-se no mundo e marcar o seu lugar. Pois, como vimos nas teorias sobre cartas escrevemos para marcar nossa existência por aqui. Percebemos que a autora é resistente quando nos deparamos com esse trecho:

“Sua papelada é um papelão, um mamoneiro macho! Flores ao vento! Nunca dará frutos! Você tem que falar sobre lanchonetes e piscinas! Garotas bronzeadas tomando banho nas praias, as pessoas adoram isso! Quem vai se interessar por histórias de negros?” (Ega, 2021, p.33, aspas da autora).

As palavras duras do marido tinham a intenção de desmotivá-la, porém como a própria escritora afirma na sequência elas serviram de incentivo para que ela continuasse.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consonância com o que foi apresentado neste trabalho, consideramos que trajetória das autoras Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega são semelhantes e por esse motivo a autora martinicana se identificou com a obra de Jesus e se sentiu motivada e inspirada a escrever a sua obra, na qual ela colocou a autora brasileira como uma personagem do seu diário para confidenciar seu cotidiano como mulher negra, mãe e faxineira e suas aspirações em ser uma escritora.

Entretanto, mesmo sabendo que a sua interlocutora nunca leria as suas cartas, Françoise Ega quis deixar registrado o quanto Jesus foi importante para que ela acreditasse no próprio talento, por isso, cria no livro um tom de amizade e intimidade com uma desconhecida a qual chama de irmã para quem pode se abrir, pois conseguimos perceber no decorrer do livro *Cartas a uma negra* que ela não tinha apoio nem em casa e nem na sociedade francesa na qual uma mulher negra não poderia ser considerada uma escritora, assim como Carolina Maria de Jesus foi rechaçada no Brasil.

Nesse sentido, podemos considerar que Carolina Maria de Jesus alcançou lugares inimagináveis através da sua escrita e que a sua obra não foi em vão, mesmo que ela tenha sido silenciada por alguns anos, a sua obra retornou ainda mais pungente mostrando que ainda hoje cabe e é relevante no panorama social e literário brasileiro.

Isso posto, trouxemos para a nossa discussão textos que conversam com as perspectivas teóricas relacionadas como por exemplo, a “O direito à literatura” de Candido (2004) juntamente com o texto de Woolf (2014) *Um teto todo seu*. E mais, trouxemos a literatura escrita especialmente por mulheres negras e dessa forma apontamos que em relação à literatura escrita por Ega e Jesus elas partiram da determinação e talento de cada uma, pois não tiveram acesso formal à literatura a qual elas buscavam por seus meios e quando podiam. No caso de Jesus, lia livros que encontrava no lixo e escrevia em papéis do mesmo ambiente. Isso mostra que o talento existe, porém as oportunidades são escassas, além disso é preciso superar outras barreiras como o racismo e o machismo que fazem com que essas mulheres sejam invisibilizadas em nossa sociedade e em outras.

Ega lia quando podia ou quando comprava uma revista como a *Paris Match* e lia no ônibus no percurso para o trabalho ou na biblioteca do bairro. Então, a partir daí podemos perceber que o acesso e o direito à literatura eram limitados para ambas pois mesmo com uma condição um pouco melhor que Jesus e em outro país, Ega também teve

que superar barreira semelhantes. Fazendo uma breve comparação com o título da obra de Wolf, *Um teto todo seu*, podemos perceber que elas não possuíam um teto para escrever e, no caso de Carolina Maria de Jesus, talvez ainda fosse pior, pois nem o “teto real” ela tinha, pois vivia em um barraco improvisado na favela do Canindé.

Contudo, Françoise Ega possuía uma casa humilde, porém não tinha liberdade para escrever, visto que seus filhos e/ou marido a solicitavam a todo momento e desacreditavam do seu potencial, assim sumiam com seus escritos e objetos de escrita como um lápis e cadernos. Em comparação a escritores brancos que possuem privilégios como um escritório ou uma casa nas montanhas para se dedicar a sua literatura, mulheres como Ega e Jesus precisam encontrar brechas em seu cotidiano para escrever.

Nesse contexto, fez-se necessário voltar-se para a escrita de pessoas negras no Brasil, elegendo para este trabalho apenas Carolina Maria de Jesus pelo que o livro de Françoise Ega suscitou. Discutindo sobre a literatura negra no país, entendemos que existe ainda muito a ser debatido e levantamos alguns aspectos a discussão sobre denominação atribuída a essa literatura, pois autores como Eduardo Assis define como literatura afro-brasileira e outros como Cuti aponta como literatura negro-brasileira e destacamos que neste trabalho optamos em relação a esses termos pela expressão: literatura escrita por escritoras negras. É inadmissível que em um país tão diverso com o nosso em que os dados mostram que a população negra representa mais da metade das pessoas ainda há obstáculos para se discutir sobre sua contribuição do povo negro para essa nação.

Foi preciso que uma lei fosse instituída para que no ensino dos três níveis no país se discutisse a presença do negro na formação do Brasil. Refiro-me à Lei 10.639/03 que obriga as escolas de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, a ensinarem sobre história e cultura afro-brasileira.<sup>3</sup> A referida Lei entrou em vigor em 2003, entretanto, pouco se vê em aplicação da mesma em escolas.

Para terminar, levantamos algumas teorias sobre a importância do gênero carta com as contribuições de Moraes (2000) e Comte-Sponville (1997) que defendem a carta como um meio de escrever sua própria existência.

E por fim, fizemos considerações sobre o livro *Cartas a uma negra* dentre elas o fato de ser uma obra que mostra as dificuldades que uma mulher negra passa para escrever

---

<sup>3</sup> Cf.: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)

e como a literatura pode servir como um excelente meio de denúncia e, no caso desse livro, que mostra como os imigrantes eram tratados na França.

Outro ponto interessante e imprescindível de destacar é que essa obra ainda pode ser explorada sob a perspectiva de outros recortes e leituras, principalmente por ter sido lançada recentemente no Brasil, podemos por exemplo, comparar a escrita das autoras observando se existem semelhanças, distinções e/ou ressaltar possíveis equivalências. Ou ainda rastrear na obra como se dá a “Escrevivência”, conceito da escritora brasileira Conceição Evaristo. Devido ao recorte que nos propusemos e à sua estrutura específica de um TCC, não pudemos abarcar mais aspectos, entretanto, nada impede que trabalhos futuros sejam desenvolvidos tanto em artigos quando em nível de mestrado.



## REFERÊNCIAS

ASSIS, Eduardo Duarte. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, E. A. e FONSECA, M. N. S. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4, História, teoria, polêmica, p. 375-403.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo/Rio: Duas cidades; Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CARNEIRO, Vinícius & MACHADO, Maria-Clara. Tão longe, tão perto. In: EGA, Françoise. **Cartas a uma negra**. São Paulo: Todavia, 2021. p. 237-252.

COMTE-SPONVILLE, André. Correspondência. In: COMTE-SPONVILLE, André. **Bom dia, angústia**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1997, p. 35-44.

CUTI. Depoimento. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011, v.4, p. 45-70.

DUARTE, Constância Lima (Org.) **Dicionário bibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. Tradução de Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2021.

EMICIDA. **Mãe**. Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa. [2016]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=D\\_-j32\\_Ryc0](https://www.youtube.com/watch?v=D_-j32_Ryc0). Acesso em: 27 jun. 2019.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. p.26-46.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo: Ática, 2020.

MORAES, Marco Antônio de. Cartas um gênero híbrido e fascinante. **Jornal da tarde**. São Paulo, 28 out., 2000. Caderno Sábado.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais)

SIQUEIRA, Samantha. Uma viagem ao encontro da escritora Françoise Ega, 21 de dez. de 2021. Disponível em: <https://www.ecolepotpourri.com.br/post/uma-viagem-ao-encontro-da-escritora-fran%C3%A7oise-ega>. Acesso em: 13/03/2013.

SIQUEIRA, Samantha Vitória. **“Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus e “Cartas a uma negra”, de Françoise Ega: uma literatura amefricana.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/241769>. Acesso em 20/03/2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Trad.: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.